

VIAGEM AO SUL (Parte 2)

A cidade de Porto Alegre possui características singulares, situada às margens do rio Guaíba e com uma ocupação urbana que concentra na parte mais antiga e histórica boa parte dos empregos. Ali estão os principais equipamentos culturais e, ao lado, em aterros obtidos ao rio, estão concentrados centros da administração pública estadual e municipal. Preferimos andar mais a pé, encontrando no centro da cidade estabelecimentos culturais e gastronômicos interessantes. No antigo e preservado mercado central, orientados pelo amigo Luiz Falcoski, fomos ao restaurante Gambrinus atrás da tainha assada tradicional, mas como estava em reforma, almoçamos ao lado, no Naval, também excelente.

Além dele, Falko nos deu o endereço do Ateliê das Massas, um pequeno restaurante de rua no centro de Porto Alegre que divide espaço com galeria de arte. Serve massas artesanais a preços justos, feitas pela família com molhos originais criados pelo artista visual Gelson Radaelli, que é proprietário da casa. Algumas ruas centrais lembram vagamente Montevideu com seu casario eclético no alinhamento, grandes calçadas e suas árvores formando verdadeiros “túneis verdes”, assim como seus parques urbanos, como o Moinhos de Vento e da Redenção, ambos não tão bem conservados como anos atrás.

Como o aeroporto é relativamente próximo ao centro da cidade, optamos por ir ao bota-fora de uber, que funcionou bem. Destino: Florianópolis, a capital catarinense que ocupa ilha e continente. Também optamos por ficar no centro da cidade para explorá-la e, na medida do possível, visitar suas praias, que sabíamos muito diferentes da viagem que empreendemos em lua-de-mel em 1977. Lá, o transporte público era apenas por ônibus, mas as grandes distâncias nos fizeram optar também pelo uber.

Tínhamos um roteiro prévio, mas as coisas mudaram ao sabor dos acontecimentos. Em primeiro lugar, reencontramos um amigo professor da universidade federal que havia estudado conosco no IETC em Franca em 1968, o José Eduardo Ribeiro Cury e a quem não via desde então. Claro que não foi possível revisitar 50 anos de história em duas, três horas de boa conversa que incluiu sua companheira Dóris, mas algumas coisas conseguimos recordar do passado distante, das serenatas que ele ajudava a fazer (aposentado, estuda flauta doce) para a eterna musa da turma, a Tereza Cristina. Conhecedor da ilha, deu conselhos e dicas de praias e atividades culturais.

Fomos conhecer Santo Antônio de Lisboa, um dos vários aglomerados urbanos da ilha, que guarda edifícios açorianos, restaurantes e galerias de arte, onde conhecemos o Samuel Casal, que possui obras no acervo do Laboratório das Artes. Depois, circulamos pela praia do Jurerê, pela Joaquina e Campeche, de longe a que mais nos agradou pelas longas caminhadas. A lagoa da Conceição também é uma atração natural, circundada por montanhas e matas.

O centro da cidade possui também seus atrativos: prédios históricos como o mercado central com seus restaurantes, o casario, alguns museus, calçadões movimentados. Os problemas que vimos na ilha incluem a mobilidade, pois como são vários os aglomerados urbanos e o acesso é sempre por uma única estrada (ao sul e ao norte), os congestionamentos são quase “naturais”, encarados como “normais”, mas o tempo perdido em deslocamento, especialmente para os mais pobres, é muito grande e a ocupação de áreas de preservação e encostas também é visível. Enfim, a ponte Hercílio Luz está sendo restaurada (hoje há apenas uma ponte que dá acesso à ilha, se fecha, a cidade fica isolada), a orla do mar nas regiões mais ricas (muito verticalizada também) é uma beleza com seus calçadões, ciclovia, jardins. Na volta, no aeroporto de Floripa, um destes encontros improváveis, a esposa de um amigo de Passos, quando já estávamos dando fim aos nossos serviços e começando as recordações.

Mauro Ferreira é arquiteto